

PRÁTICAS DE LETRAMENTO A PARTIR DO ENSINO DE POESIA: UMA VIAGEM PELO UNIVERSO DE AUGUSTO DOS ANJOS (1884- 1914) EM SUA OBRA “EU”.

Cleiton da Silva Duarte Lira¹
José Vinicius Ferreira Dias²
Joyce Felipe de Araújo³
Evanice Guedes Aquino⁴

INTRODUÇÃO

A ideia de construir uma estrutura de valor pautado numa educação cultural que, sobretudo veicule o conhecimento literário com os nossos alunos, alimenta-se daquilo que Cosson (2009) suscita: “Gosto da ideia de que o nosso corpo é a soma de vários outros corpos” (COSSON, 2009, p. 15). O literato, ao falar de ‘corpos’, refere-se a todos os elementos que são inerentes ao gênero humano, como a linguagem, a emoção, a cultura, a ciência etc.

Alicerçado no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do Subprojeto Letras Português/1475 da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), Campus III, Guarabira – PB, programa que facultou-nos a possibilidade, viável, de endossar a função da poesia no domínio da literatura, como agente indissociável da construção das diversas subjetividades históricas, ou seja, explicitar que a história do homem na humanidade conflui com várias áreas das ciências, excepcionalmente com a da Literatura.

A natureza desse trabalho nasce de um projeto de poesia realizado entre os dias 10 de abril a 09 de maio de 2019 na E.E.E.F. Rodrigues de Carvalho, Araçagi – PB, escola onde desempenhamos as atividades a nós incumbidas pelo programa. O projeto se intitula: “*Leitura por uma poética da vida*”, cuja tônica contempla o poeta sapeense *Augusto dos Anjos* com a leitura de sua única obra publicada em vida, “EU”.

¹ Graduando em Letras Português pela UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), Campus III, Guarabira/PB. E-mail: cleitondlsr@gmail.com.

² Graduando em Letras Português pela UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), Campus III, Guarabira/PB. E-mail: vferreiradiass@gmail.com.

³ Graduando em Letras Português pela UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), Campus III, Guarabira/PB. E-mail: joycearaujo@hotmail.com.

⁴ Profa. Supervisora do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) na E.E.E.F. Rodrigues de Carvalho, Araçagi/PB. E-mail: professoraevanice@hotmail.com.

O arcabouço pelo qual se sustenta as finalidades do projeto é pautado na desconstrução de estereótipos que subvertem o valor da poesia na pós-modernidade e, sobretudo em assinalar a importância da poesia, não só como escrita ou como elemento inerente a uma cultura, mas como valor indissociável para o desenvolvimento de nossa subjetividade e de nossas competências; entre outros. Posto isso, conceitos complexos indiscriminadamente versados em instituições de ensino superior, como a definição de poesia, escansão poética, métrica poética e etc., bem como, os seus desdobramentos na obra do filósofo estagirita Aristóteles em sua *Poética*, foram facilmente apreendidos e aprendidos pelos nossos alunos ao passo que o projeto se desenvolvia figurando, sobretudo, significativa harmonia entre teoria e prática.

Imersa em várias frentes no que tange a sua definição, Compagnon (1999, p. 37) assinala que “A literatura confirma um consenso, mas produz também à dissensão, o novo, a ruptura”. É no fio dessa ruptura supracitada que identificamos os limites entre senso comum e o que está além dela – o *fenômeno literário*, principalmente quando utilizamos o texto “*O Direito à Literatura*” do crítico literário brasileiro Antônio Cândido, texto que estabelece uma ponte entre os Direitos humanos e a Literatura o que, de nossa perspectiva teórico-metodológica, serviu de auxílio para trabalharmos a ideia do efeito humanizador da literatura no letramento literário a partir da poesia.

Sumariamente, a estrutura deste trabalho procurou se orientar em dois eixos: *Recepção e representação*. Recepção, na acepção que a pré-dispomos, refere-se aos efeitos produzidos nos alunos e com que ordem de valores (positivos ou negativos), eles foram enquadrados pelos alunos. E representação, em segundo plano, confere ao nível de participação dos alunos envolvidos no projeto e seus principais desdobramentos no que toca a associação entre literatura, valores e direitos humanos. Posto isso, o nosso trabalho está sendo pautado consoante o aporte teórico de autores como Compagnon (1999), Cosson (2009), Colomer (2007), entre outros.

A FORÇA DO SABER INDIVIDUAL

Conjecturando as condições nas quais se desenvolvia o projeto, seria primoroso a metáfora com um solo árido, cujo artista apalpa uma rocha e, em seguida a esculpe. Por outro lado, enxergando-as como um Discurso que promove, rigorosamente, a ratificação da escola pública como um espaço onde os sujeitos já entram com discursos pessimistas sobre o aprendizado, evidenciando a desvalorização do estudante de escola pública, de um lado, e

enaltecendo os estudantes de instituições privadas como os únicos espaços possíveis de ascensão social, econômica, educacional e cultural. A poesia de Augusto de Anjos, com toda a sua carga filosófica com potencial reflexivo sobre as questões que pensam e refratam a experiência do ser humano com a realidade, foi um catalizador, um veículo que fecundou o alicerce para introjetarmos princípios de cidadania, de identidade e das conexões culturais, sociais, políticas e econômicas que a escrita poética – no domínio da literatura – é capaz de suscitar. Não somente o texto prosaico, mas também o ato de fazer poesia foram, ao longo do tempo, mecanismos consideráveis para denúncias sociais. A linha que separa a ficção da realidade é tênue, mas estratégica para cativar o leitor no propósito do conteúdo.

Ao mesmo tempo em que as nossas turmas compreendiam a relação que interconecta a história em sua dimensão empírica, com a estória em sua dimensão artística – na poesia, eles conjecturaram a seguinte inferência: “A poesia também pode ser usada para organizar, por um viés crítico, o nosso conhecimento, as nossas intenções. E, à medida que esses aspectos se articulam na poesia, novas formas de produzir o conhecimento, dinamicamente, tornam-se viáveis”. Em face disso, foi a partir da função da poesia em Augusto dos Anjos, que principiamos a desconstrução de discursos cuja leviandade promulgava a ineficiência do ensino público.

Nós levantamos a hipótese de que se eles entendessem que a história de uma pessoa é motivada por contextos diversos onde, por sua vez, as adversidades são responsáveis por permitir que atos de desumanidade ocorram; logo eles perceberiam que os Discursos que dizem que eles, por pertencerem a uma camada social vulnerável economicamente, não poderiam despertar habilidades tais como alguém que pertença à classe média, não passam de formas de legitimação do poder que visa propagar informações dessa natureza a fim de perpetuar o monopólio do direito concentrado na minoria que já possui o suficiente.

A literatura, tanto no pensamento de Antônio Cândido (2011) como no de Antoine Compagnon (1999) e de Rildo Cosson (2009) faculta-nos a possibilidade de enxergar a realidade sob duas polaridades: a superficial (*factícia*) e realidade em movimento, isto é, aquela que vivemos no cotidiano. A formação crítica de uma pessoa demanda muito mais do que o conhecimento sobre realidades coletivas, mais de uma formação cultural e política. Sem esses dois pré-requisitos para formar uma consciência individual de si para partir para uma consciência coletiva, as pessoas são facilmente dissolvidas numa sociedade polarizada e estratificada, cujos direitos – em sua maioria – não são plurais, mas singulares.

O ÂMBITO BIBLIOTECÁRIO COMO UM ESPAÇO DE APRENDIZADO

Como vimos no decorrer deste relato, a literatura se torna indispensável no ensino básico. Todavia, a esfera escolar é encarada por muitos alunos como uma experiência monótona, um descompromisso de caráter maleável que, inadvertidamente, poder-se-ia substituir por outro conteúdo, diga-se de passagem, mais atrativo na perspectiva de alguns discentes. Posto isso, com a instauração do nosso projeto intitulado “*Leitura por uma poética da vida*”, o vínculo com a literatura e a aproximação com a poesia, em parte encarada com resistência, foram algumas oscilações que se denotou após deduzirmos que as condições inadequadas de conhecimentos extraclasse eram deficientes, ou seja, não havia uma disciplina específica que relacionasse, por exemplo, a literatura como ferramenta de gerar novos conhecimentos e de, segundo Cândido (2011) “humanizar as pessoas”.

Ressaltando a importância do espaço bibliotecário para o nosso projeto de ensino pautado em Augusto dos Anjos, jugou-se imprescindível o ambiente cujo usufruto permitiu, em grande escala, o acesso ao livro “EU” do autor supracitado. Conservando diversos clássicos da literatura nacional e internacional, Augusto dos Anjos foi à ponte para que, a partir de sua estética literária, com assinatura do simbolismo e do naturalismo, pudesse-se adentrar noutras estéticas, noutras obras.

Pois, assim, nós refletimos o equívoco que é acometido por determinados docentes ao referir-se a biblioteca como um campo de advertência, enquanto poderiam relacioná-la a um ambiente agradável, instigante e impulsionador do crescimento intelectual, pessoal e social de cada estudante. Ao pensarmos nesta perspectiva, Teresa Colomer (2007) defende que,

“Estímulo”, “intervenção”, “mediação”, “familiarização” ou “animação” são termos associados constantemente com a leitura no âmbito escolar, bibliotecário ou de outras instituições públicas e que se repetem sem cessar nos discursos educativos. Todos esses termos se referem à intervenção dos adultos encarregados de “apresentar” os livros às crianças. (COLOMER, 2007, p. 102)

Com isto, refletimos na viabilidade desses docentes tornarem-se propagadores dessas boas práticas e incentivadores dessa ascensão intelectual que o discente pode adquirir ao sentir-se e de fato ser incluído neste campo promissor de conhecimento. Além disso, quando nos referimos a esta ‘inclusão’ não remetemos somente a presença do aluno em sala de aula, mas de fato a participação nos projetos propostos, o engajamento com essas atividades de

cunho extraclasse e a satisfação dos mesmos em estarem contribuindo com o desenvolvimento da Escola, pessoal e, em consequência da sociedade.

O PODER DA POÉTICA NO IMAGINÁRIO EDUCACIONAL

Sabe-se que, a literatura como reflexo das práticas sociais possibilita em seu arranjo ficcional, experiências, que uma vez assimiladas, podem ser acionadas nas diversas áreas da vida. Assim, por não podermos viver todas as experiências possíveis no mundo, nos livros literários encontramos essa riqueza, que por sua vez está sendo esquecida dentro do campo estudantil.

Bakhtin defendeu a importância dos gêneros para a comunicação. Desse modo, o gênero poesia que fora trabalhado em sala viabilizou a partir das produções das turmas do 9ª um conhecimento mais apurado do alunado, que logo apreendemos da subjetividade de cada um, reutilizando a favor, como demanda de aprimoramento das aulas. Assim, o processo de reescritura refinou não só a escrita em termos formais dos discentes, mas como consequência da sequência literária de Rildo Cosson (2009) que aplicamos, obteve por parte dos alunos uma visão menos ingênua, e mais aberta desse fenômeno pessimista que consagrou Augusto dos Anjos, como poeta de tudo que é morto.

Inquestionavelmente, no decorrer das aulas, com o foco no letramento literário e na relação de ensino-aprendizagem nos deparamos com a grande sonorância simbólica que ressoa na poesia de Augusto dos Anjos, entre um estilo mais clássico e moderno, de fato que, no momento, em que explicávamos, simultaneamente, acessávamos junto aos alunos um cabedal de arquétipos, construídos cotidianamente durante as épocas. Em suma, o poder histórico dos gêneros, construídos corriqueiramente integrava-nos numa posição de aprendizado mútuo.

Sendo assim, a maneira pela qual, o gênero “poesia” foi manejado em sala, desde a sua estrutura e seu aspecto simbólico comunicou-nos a importância de trabalharmos a literatura em sala, como ponte a serviço da autoconsciência dos aprendentes. O imaginário atual sofre nas dependências atuais de ensino, e o trabalho, cada vez mais impotente da literatura, provoca nos sujeitos uma desconexão com a realidade. Como muitos educadores, sabemos o efeito de uma base imaginativa fundamentalmente necessária para se decifrar o mundo, suas peculiaridades, suas representações e, sobretudo, para a constituição de nossa identidade.

As turmas do 9ª puderam estabelecer através da visita ao memorial de Augusto dos Anjos, assim como das explicações sobre o autor e a poesia, das interpretações do gênero nas

dimensões da estrutura composicional, conteúdo temático e estilo, contextualmente localizadas em seu processo de aprendizagem, uma maneira de observar o mundo, que não está adstrita ao senso comum, mas que a refrata.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso projeto teve como princípio a educação poética, voltada a Augusto dos Anjos, que nos permitiu abordar de maneira lúdica sua poesia na esfera escolar. Visando a desconstrução de discursos que tentam remodelar as instituições públicas de ensino como sendo infrutífero, o projeto, não em toda a sua integridade, propôs-se a reeducar essa nova geração para o combate incisivo ao preconceito e, notoriamente, explicitar que as escolas públicas possuem potencial para gerar grandes profissionais – para a vida e para o mundo – tanto quanto as instituições privadas.

É importante destacar e atentar para importância de trabalhos como este na educação regular, tendo em vista o desenvolvimento social e intelectual que a literatura pode incidir na vida de cada discente. Permitir, incentivar e realizar atividades como esta, é contribuir de forma significativa com o avanço do aluno, ou seja, nós, enquanto professores, futuros professores, acadêmicos nesta área, devemos olhar este processo como inovação no âmbito escolar.

Sendo assim, ao analisarmos esta proposta, vemos que os resultados advindos dela, são significantes no processo escolar, pois permite aos educadores a satisfação de aprimorar os conhecimentos dos discentes acerca da literatura, além de aproximá-los a uma formação crítica e sociocultural da sociedade, possibilitando as condições de existência necessárias a uma independência intelectual, a uma verdadeira emancipação.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2009.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte, ed. UFMG, 1999.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003